

Literaturas em português: encruzilhadas atlânticas*

Literatures in Portuguese: Atlantic Crossroads

INOCÊNCIA MATA**

RESUMO: PROPONHO-ME REFLETIR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE E OS MEANDROS DO AGENCIAMENTO IDENTITÁRIO PÓS-COLONIAL, TANTO DA PARTE DE PORTUGUESES QUANTO DE SUJEITOS DE ESPAÇOS COLONIZADOS POR PORTUGAL (COM ÊNFASE NAS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E ÁFRICA), EM PERÍODO PÓS-COLONIAL. É ESSA DIMENSÃO DE ALÉM-MAR

* Este tema, decorrente de uma conferência proferida em Macau, em inglês, em Janeiro de 2014, retoma uma reflexão em várias etapas que venho realizando em ensaios publicados, a saber: “Uma intensa disseminação: a África como *locus* na literatura portuguesa” (publicado em *LETRAS COM VIDA – Literatura, Cultura e Arte*. n.3, 1º semestre de 2011. Revista do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (p.132-140). Diretores: Miguel Real e Béata Cieszyńska); “Estratégias convergentes da diversificação da língua portuguesa: o exemplo das literaturas africanas”. *In*: Correia, Ana Maria & Sousa, Ivo Carneiro (eds.). *Lusofonia: Encruzilhadas Culturais*. Macau: Saint Joseph Academic Press, 2011; “Deambulações pós-imperiais: transgressões e trânsitos na literatura pós-colonial portuguesa”. *In*: Vieira, Cristina Costa; Luís, Alexandre Costa; Nzau, Domingos Ndele; Manso, Henrique & Luís, Carla Sofia (Coord.). *Portugal-África: Mitos e Realidades Vivenciais e Artísticas*. Covilhã: UBI [Universidade da Beira Interior], 2012; “Zonas de contacto das literaturas de língua portuguesa: da resistência à reinvenção da diferença” *In*: Szmidt, Renata Díaz- (Org.) *Identidades revisitadas, Identidades Reinventadas – Transformações dos Espaços Sociais, Políticos e Culturais nos Países de Língua Oficial Portuguesa*. Varsóvia: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2012.

** Doutora em Letras (Universidade de Lisboa, 2003); Professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Universidade de Lisboa; atualmente, é professora no Departamento de Português da Universidade de Macau. Publicou, dentre várias obras, *A suave pátria: reflexões político-culturais sobre a sociedade são-tomense* (Lisboa: Colibri, 2004); *Ficção e história na Literatura Angolana: o caso Pepetela* (Luanda: mayamba, 2010); *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas Edições, 2013.

("ULTRAMARINA" AFINAL, NÃO OBSTANTE A PERVERSAMENTE AMBÍGUA IDEOLOGIA QUE SUBJAZ AO SENTIDO HISTÓRICO DESTES TERMOS), QUE FILÓSOFOS E HISTORIADORES AFIRMAM SER ESTRUTURANTE DA EUROPEIDADE PORTUGUESA, E QUE OS CRÍTICOS QUEREM ENCONTRAR NA LITERATURA, QUE TEM VINDO A SER ATUALIZADA COM UM MISTO DE INTENÇÃO DE LOCALIZAÇÃO HISTÓRICA, AMBIÇÃO HEROICIZANTE DO PASSADO E AFIRMAÇÃO REFIGURATIVA DE UMA IDENTIDADE ATLÂNTICA. PARA TAL BREVE INCURSÃO SOCORRER-ME-EM DAS PROPOSTAS TEÓRICAS SOBRE MEMÓRIA E A DIFICULDADE DE NARRAR O TRAUMA, CONVOCANDO PARTICULARMENTE WALTER BENJAMIN (1936), PIERRE NORA (1997, 2008), ANDREAS HUYSSEN (2000), MÁRCIO SELIGMANN-SILVA (2005, 2008), AMIN MAALOUF (2002), HOMI BHABHA (1994) E MARY LOUISE PRATT (1992), QUE FORNECE UMA FERRAMENTA DE EFICÁCIA INTERPRETATIVA EM ESTUDOS SOBRE ENCONTROS CULTURAIS.

ABSTRACT: I PROPOSE TO REFLECT THE DIFFERENT FEATURES CHARACTERIZING THE RELATIONSHIP AMONG THE SPACES OF PORTUGUESE COLONIALISM WITH A SPECIAL EMPHASIS ON AFRICA. IN DOING SO, I SHALL BE RELYING ON THE CONCEPT OF CONTACT ZONES, A WORKING TERM COINED BY MARY LOUISE PRATT IN HER STUDIES BASED ON CULTURAL ENCOUNTERS TO DESCRIBE THEIR INTERRELATIONAL PRODUCTIVE EFFICIENCY. OWING TO THE FACT THAT THE RELATIONSHIP BETWEEN AFRICANS AND THE PORTUGUESE, WHICH HAS BEEN UNDERSTOOD AS PORTUGAL'S "ATLANTIC VOCATION", PORTUGUESE LITERATURE SEEMS TO REFLECT UPON SUCH A RELATIONSHIP BY LOCATING IT BETWEEN A SENSE OF BELONGING THAT DEMANDS HERO-WORSHIPPING THE PAST AND A DESIRE TO GAIN AN ATLANTIC IDENTITY AFTER THE LAST AFRICAN COLONIES HAD BEEN ABANDONED. IN ORDER TO BROACH THIS SUBJECT, I SHALL BE CALLING UPON THEORETICAL PROPOSALS ABOUT MEMORY AND THE DIFFICULTY OF TALKING ABOUT OR NARRATING TRAUMA, BASED ON WALTER BENJAMIN'S "THE STORYTELLER: REFLECTIONS ON THE WORKS OF NIKOLAI LESKOV" (1936), HERE, I SHALL BE RELYING UPON NOTIONS PUT FORWARD BY WALTER BENJAMIN'S "THE STORYTELLER: REFLECTIONS ON THE WORKS OF NIKOLAI LESKOV" (1936), BY PIERRE NORA'S *REALMS OF MEMORY: RETHINKING THE FRENCH PAST* (1997, 2008), BY MÁRCIO SELIGMANN-SILVA (2005, 2008), BY AMIN MAALOUF IN *LES IDENTITÉS MEURTRIÈRES* [TRANSLATED INTO ENGLISH AS *IN THE NAME OF IDENTITY: VIOLENCE AND THE NEED TO BELONG*, 2001]; HOMI BHABHA'S *THE LOCATION OF CULTURE* (1994), AND MARY LOUISE PRATT'S INTERRELATIONAL TERM (*IMPERIAL EYES: TRAVEL WRITING AND TRANSCULTURATION*, 1992), WHICH OFFERS AN EFFICIENT INTERPRETATIONAL TOOL FOR STUDIES ABOUT CULTURAL ENCOUNTERS.

PALAVRAS-CHAVE: PORTUGAL, COLÔNIAS, IMPÉRIO; VOCAÇÃO ATLÂNTICA, COLONIALISMO, PÓS-COLONIALISMO; "ZONAS DE CONTACTO", LITERATURAS EM PORTUGUÊS, IDENTIDADE PÓS-COLONIAL.

KEYWORDS: PORTUGAL, AFRICAN COLONIES, EMPIRE; ATLANTIC VOCATION, COLONIALISM, POST-COLONIALISM; "CONTACT ZONES", LITERATURES IN PORTUGUESE, POST-COLONIAL IDENTITY.

1 Inferências temáticas e localização teórica

Começo por recorrer a duas afirmações que me servirão de âncora na minha reflexão, pois ilustram, em larga medida, não apenas a questão da memória na problematização da presença do *outro* nessas literaturas em portuguêsês como ainda as relações literárias e culturais entre os espaços de língua portuguesa que partilham uma história comum “narrada” segundo perspectivas diferentes.

A primeira, de Márcio Seligmann-Silva, retirada do seu livro *O Local da Diferença: Ensaio sobre Memória, Arte, Literatura e Tradução* (SELIGMANN-SILVA, 2005)¹, tem a ver com a teoria da memória (e a concepção cultural da memória), porque este parece-me um instrumento indispensável para se perceber a dinâmica dos elos, que atualmente a literatura portuguesa tematiza, entre a Europa, Portugal no caso, e os países de língua oficial portuguesa, em especial os países africanos: “A memória tem a ver com o presente, embora sempre seja vista como coisa do passado. Ela é uma construção do presente, está sempre voltada para questões atuais (...). O teatro da memória é eminentemente político” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 6).

Diferentemente da convicção sobre a extensão cosmopolita dos processos rememorativos em detrimento da sua *localização*, Seligmann-Silva parece concordar com Andreas Huyssen, no seu livro *Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia* (2000), para quem “o lugar político das práticas de memória é ainda nacional e não pós-nacional ou global” (HUYSSSEN, 2000, p. 10) – e esta é a segunda âncora da minha reflexão. Vemos, assim, como na ideia de Seligmann-Silva este “lugar da memória” é precisamente aquele onde a segunda afirmação se situa, e que tem a ver com a identidade, pensada num jogo entre o subjetivo e o objetivo pelo franco-libanês Amin Maalouf: “A identidade não se compartimenta, não se reparte em metades, nem em terços, nem se delimita em margens fechadas” (MAALOUF, 2002, p. 10).

Com base nestes pressupostos proponho-me refletir sobre a relação entre memória e identidade e os meandros do agenciamento identitário pós-colonial, tanto da parte de portugueses quanto de africanos (com reflexos nas relações entre Portugal e os países outrora colonizados), em período pós-

¹ V. também SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 5-7.

-colonial. Essa perspectiva é tanto mais impositiva se pensarmos retrospectivamente nos seus meandros a partir de 1975, isto é, depois das independências políticas das colônias portuguesas de África e da “retração” territorial definitiva de Portugal ao espaço ibérico e insular da Macaronésia setentrional em 1999 (data da “entrega” da última parcela do império, Macau), na relação com o além-mar – a que vou chamar simbolicamente *atlântico*, na esteira da dimensão significativa a que se referem os historiadores no estudo da reconfiguração do mundo através do Atlântico, designadamente Paul Gilroy no seu livro *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência* (1993), sobretudo na dimensão crítica que o livro encerra ao essencialismo e ao relativismo culturais (cf. GILROY, 2001). É essa dimensão de *além-mar* (“ultramarina” afinal, não obstante a perversamente ambígua ideologia que subjaz ao sentido histórico deste termo), que afirmam os “empresários da memória” portugueses, para utilizar uma expressão de José Manuel Oliveira Mendes (cf. MENDES, 2002) (historiadores, filósofos, escritores) ser estruturante da *europiedade* portuguesa e que os críticos querem encontrar na literatura, que tem vindo a ser atualizada com um misto de intenção de *localização* histórica, ambição heroicizante do passado e afirmação refigurativa de uma identidade atlântica. E esta categoria de *pertenças* parece corroborar o pensamento de Maalouf sobre a construção identitária como processo dinâmico condicionado por uma multiplicidade de fatores (históricos, sociais, coletivos, portanto), mas também por histórias de vida: “O que me faz ser eu, e não outro, é esse estar na fronteira entre dois países, entre dois ou três idiomas, entre várias tradições culturais” (MAALOUF, 2002, p. 19).

Como se verá, às vezes essa produção literária resulta em celebração do que se pretende questionar e desvelar, concorrendo, neste paradoxo, para o que Pierre Nora designou como “bulimia comemorativa” (NORA, 2008), assente num frenesi nostálgico coletivo decorrente de um processo amnésico do passado.

O terceiro pilar teórico em que assentam as minhas reflexões tem a ver com a diferença que Walter Benjamin faz entre *experiência* e *vivência*: baseando-me na dicotomia com que o filósofo alemão estuda a experiência da *narração* do trauma (à altura da Primeira Grande Guerra), num ensaio intitulado “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de 1936 (cf. BENJAMIN, 1987), analiso essa produção literária portuguesa, que oscila entre

a textualização da *experiência* (o conhecimento que subjaz à visão da relação colonial) e da *vivência* (na tematização de África enquanto espaço vivido).

2. O espaço *outro* como *locus* na literatura portuguesa

Os espaços da expansão portuguesa, seja a África, o Brasil ou o Oriente, sempre estiveram presentes na literatura portuguesa como matéria da literatura de viagens, numa trajetória ora de *experiências* ora de *vivências*. Ou até antes disso, se considerarmos as primeiras leituras peninsulares do *outro* africano (séc. III), pelo menos numa cantiga de maldizer atribuída a Afonso X, estudada por Alfredo Margarido (cf. HENRIQUE, 2008), em que uma mulher negra, identificada como africana de Al-Sudão, é descrita com características somáticas muito negativas; mas também na presença do negro no teatro vicentino, por exemplo, na peça *O Clérigo da Beira* (1529) em que há referência ao “negro do Maracote” (v. 775), portanto, o negro que é propriedade de Maracote:

[Gonçalo]	Dize Negro, és da corte?	
[Negro]	Quesso?	
[Gonçalo]	S'és da corte.	
[Negro]	Já a mi forro nam! Sá catibo. Boso conhecê Maracote?	
	Corregedor Tibao é...	(445)
	Ele comprai mi primeiro, quando já pagá a rinheiro deitá a mi fero na pé. É masa tredora aquele aramá que té ro Maracote.	(450)

Se o negro aparece na obra de Gil Vicente como elemento de teatralização da linguagem (cf. COSTA E SÁ, 1948), o que acontece na sua obra com outros elementos marcados por categorias do étnico, de classe ou de ofício, não é certamente o único caso em que o negro aparece como *outro* desde, pelo menos, o século XVI. Porém, talvez os elos literários com a África não sejam assim tão antigos quanto se esperaria de uma presença de cinco séculos e um domínio efetivo de, pelo menos, século e meio. Com efeito, a presença

de África como matéria ficcional vem do tempo propriamente colonial, mais precisamente a partir da segunda metade do século XIX.

Mas nessa altura, à produção cultural sobre a África estava subjacente uma vertiginosa destinação subalternizante. Essa visão hierarquizante decorria do ensaio da abertura de horizontes, mesmo porque por estes escritos de informação (mormente de teor etnográfico), que permitiam o “conhecimento” do *outro* considerado “gentio”, se forjavam os estereótipos que serviriam à dominação colonial. Em que consistia essa escrita que vai constituir o *corpus* da *literatura colonial*?²

- a) Trata-se de uma produção cuja história é construída de forma a uma concertação sinfônica da subalternização do homem africano e que, na construção textual, desenha a apologia do império e da colonização como necessária ao processo civilizatório;
- b) O espaço não funcionava como “local da cultura”, sendo que, neste processo de construção literária, os sujeitos produtores de enunciação não eram os africanos, mas sim sujeitos metropolitanos que mantinham com aquele espaço uma tensa relação de alteridade dinamizada pelo “espírito de missão civilizadora”;
- c) Essa configuração ideológica é atualizada a nível técnico-compositivo e semântico-pragmático da urdidura textual (narrativa e lírica) pela representação de uma espaço-temporalidade africana hostil, construindo um exemplar *locus horrendus* de que resultava uma intencionalidade ideológica geradora da construção heroica da figura do colonizador. Alguns exemplos deste corpus são:
 - *O Veneno do Sol* (1928), de Fernanda de Castro – Guiné-Bissau;
 - *O Vélo de Oiro* (1931), de Henrique Galvão – Angola;

² Note-se que esta designação em Portugal e nos Cinco países africanos difere da mesma no Brasil: enquanto no Brasil a expressão “literatura colonial” tem, apenas, uma dimensão cronológica (literatura produzida antes de 1822, data da independência), a mesma expressão na Europa e em África tem uma referencialidade ideológica com reflexos na estética literária. Sobre as literaturas coloniais europeias, ver: Jean Sevry. *Regards sur les Litteratures Coloniales: Afrique Anglophone et Lusophone*. 03 tomes. Paris: L'Harmattan, 1999; Sobre a literatura colonial portuguesa ver: Inocência Mata, *Emergência e Existência de uma Literatura: o Caso Santomense* (Linda-a-Velha: Edições ALAC, 1993), Pires Laranjeira, “La littérature coloniale portugaise”. In: Jean Sevry. *Regards sur les Litteratures Coloniales: Afrique Anglophone et Lusophone*. Tome III. Paris: L'Harmattan, 1999. p. 231-258; NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia: Moçambique como Invenção Literária* (Lisboa: Editorial Caminho, 2003).

- *Muende* (1960), de Rodrigues Júnior – Moçambique;
- *Roça* (1960), de Fernando Reis – São Tomé e Príncipe;

d) Não admira, por isso, que essa produção tivesse sido incentivada e promovida pelo poder colonial, até institucionalmente, como se pode ver pela criação, a partir de 12 de Janeiro de 1926³, do prêmio de literatura colonial da Agência-Geral das Colônias (e depois, a partir de Junho de 1951, Agência-Geral do Ultramar, acompanhando a nova designação da tutela, o Ministério do Ultramar), quando era, então, diretor Armando Cortesão.

e) O regulamento que substituiria os primeiros prêmios, após a reestruturação da Agência-Geral das Colônias, em 1932, já considerava as seguintes modalidades em prêmios:

- *Premio Camilo Pessanha*, para Poesia;
- *Premio Frei João dos Santos*, para Ensaio (sociológico, etnográfico ou de outros temas relacionados com a vida do homem e conhecimentos afins);
- *Premio Fernão Mendes Pinto*, para Novelística (conto, novela ou romance);
- *Premio João de Barros*, para História.

f) O objetivo era incentivar o “intercâmbio” entre o Portugal metropolitano e os territórios do Ultramar que, como se sabe, iam da África à Ásia (Timor e o estado da Índia). Essa iniciativa, que seria revitalizada com um novo Regulamento do Concurso de Literatura Ultramarina, visava promover “a literatura na forma de romance, novela narrativa, relato de aventuras, etc. que melhor contribui[isse] para despertar, sobretudo na mocidade, o gosto pelas causas coloniais”⁴.

I. Depois das independências, a África evocada era-o primeiramente enquanto *localização* da inquietação colonial e imperial, mais precisamente por ser lugar de um *tempus horribilis* histórico: a guerra colonial. Longe iam, portanto,

³ Sobre os concursos de literatura colonial ver, entre outras referências: José Luís Lima Garcia, “Os concursos de literatura e a propaganda colonial nos primórdios do Estado Novo”. In: *As Ciências Sociais no Espaço de Língua Portuguesa – Balanços e Desafios*. Actas do II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais 2000, v. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002 (241-250).

⁴ Parágrafo 1 da Portaria n° 6.119, de 1936.

os tempos em que a África colonial era sobretudo um *locus horrendus*, em que o confronto era com o espaço humano e natural. Pode dizer-se que, tal como os combatentes (da Primeira Grande Guerra) que regressavam do campo de batalha, “mais pobres em experiência comunicável”, segundo Walter Benjamin, também estes “empresários da memória” – no caso, escritores – viveram o *seu* tempo de emudecimento seguido de rumores traumáticos, pois “o trauma tem a ver com os limites da linguagem e da representação” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 6). Devido ao distanciamento temporal (mais de duas dezenas de anos, numa era de intensa vertigem temporal proporcionada pelos meios de comunicação e de novos paradigmas de pensamento), que proporciona a experiência da comunicação, a literatura de motivação africana, que neste contexto sempre foi uma constante na literatura portuguesa desde os primórdios do colonialismo, ressurgiu assim, a partir dos anos 90 do século passado, com uma feição diferente, parecendo ter outras derivações, outras dimensões.

II. Daí poder dizer-se que se vive hoje na literatura portuguesa uma espécie de “regresso” aos espaços de além-mar – que obviamente não se faz na esteira da literatura colonial, como já se disse – em particular à África, embora o Brasil esteja presente em alguma produção atual portuguesa, como em *Longe de Manaus* (2005), de Francisco José Viegas, ou *Rio das Flores* (2009), de Miguel Sousa Tavares (curiosamente ambos também autores de literatura de motivação africana: *Lourenço Marques*, 2002, e *Equador*, 2003, respectivamente).

Atualmente, portanto, já no século XXI, essas conexões são diferentes, assim como diferente é a intenção literária que as motiva. Com efeito, quando se pensa certa produção literária portuguesa da atualidade que elege a África (colonial e pós-colonial, embora aquele tempo prevaleça) como locus da sua gestação, é importante pensar-se que esse ressurgimento se segue a um período de quase ausência desde António Lobo Antunes (*Memória de Elefante*, *Os Cus de Judas* – ambos de 1979, *A Explicação dos Pássaros*, 1981, e em parte *Conhecimento do Inferno*, também de 1981, *As Naus*, de 1988); Lúcia Jorge (*A Costa dos Murmúrios*, 1988)⁵, Carlos Vaz Ferraz, pseudônimo literário de

⁵ Teolinda Gersão, que costuma a ser incluída neste grupo, só publicaria *A Árvore das Palavras* em 1997 (Lisboa: Publicações Dom Quixote).

Carlos Matos Gomes (*Nó Cego*, 1983, *Os Lobos não Usam Coleira*, 1991)⁶, Helder Macedo (*Partes de África*, 1991), entre muito poucos outros nessa altura.

- a) Destaco desse *corpus* o romance de Maria Isabel Barreno, *O Senhor das Ilhas* (1994) – ilhas de Cabo Verde –, em representação pela ilha Brava. A importância deste romance, grandemente decorrente da sua dimensão histórico-sociológica, deve-se ao fato de inaugurar um novo olhar sobre esse lugar de simultânea distância e localização matricial da identidade cultural portuguesa, precisamente porque, sendo saga de uma família, ela, a família Martins, torna-se representação metonímica da nação portuguesa. A família fora dada a conhecer em 1993, por via de um manuscrito pouco credível, reportando acontecimentos a século e meio de distância (1790-1840), em começo narrativo que anuncia uma perda (a morte do pai, motivo pelo qual os irmãos Marta e Manuel Maria são introduzidos na história no decurso de sua viagem a Lisboa para comprar a lápide tumular). É, por isso, interessante que a ligação entre Cabo Verde e Portugal se faça por via da nativização, no universo cabo-verdiano, de Maria Josefa, portuguesa criada na ilha, cuja primeira presença se faz na praia, fronteira não apenas geográfica mas ainda identitária, pois situada na zona de tensão entre o querer e o sentir (o prazer de sentir a terra/a areia) e o dever (comportamento que o pai, D. Aniceto, reprovava) – com a dominância da primeira disposição. E é nesse limiar, entre a terra e o mar, entre os códigos da corte portuguesa e a sageza africana de Cremilde, que o (r)encontro se dá com Manuel António, “representação”, em Cabo Verde, da corte portuguesa.
- b) Esse enfrentamento transcultural de que *O Senhor das Ilhas* parece ser pioneiro será perseguido por Mário Cláudio, já na década seguinte, com *Oríon* (2003)⁷, aqui através de outro tipo de saga: o de um segmento, o judeu/cristão novo, com lugar ambíguo na “comunidade imaginada” destinadora, a portuguesa. A figura central que

⁶ Passado para filme, por António-Pedro Vasconcelos, com o título *Os Imortais*. Aliás, a obra de Carlos Vaz Ferraz traz muita incidência africana: os romances *Fala-me de África* e *Basta-me Viver* foram publicados, respectivamente, em 2007 e em 2010.

⁷ A segunda obra de uma trilogia baseada na simbologia de constelações: *Ursamaior* (2000), *Oríon* (2003) e *Gêmeos* (2004).

dinamiza a narrativa, que nela concentra o foco narrativo, é Abel, uma das sete crianças judias sobreviventes da empresa povoadora de Álvaro de Caminha, no período de “invenção” da sociedade são-tomense (cf. HENRIQUES, 1999). Por esta estratégia de fundação de um início se vai pontuando a viragem que aponta para uma reïnicialização relacional com esses espaços outrora colonizados, já no dealbar do século XXI.

Resumindo esta breve panorâmica, direi que os primeiros anos deste século conheceram, portanto, outros olhares literários sobre África, reveladores, portanto, de outro relacionamento com aqueles espaços, diferentes daqueles da imagem seminal da construção da *ultramarinidade* e da colonialidade. É verdade que *A Árvore das Palavras* (1997), de Teolinda Gersão, *Baía dos Tigres* (1999), de Pedro Rosa Mendes, *Oríon* (2001), de Mário Cláudio, e *Equador* (2003), de Miguel Sousa Tavares, talvez sejam as obras mais conhecidas deste *corpus* indicativo dessa viragem que considera que a identidade portuguesa se situa para além das fronteiras do retângulo ibérico. Porém, convém também conhecer outras obras que, embora menos mediáticas na sua recepção, são significativas no modo como atualizam uma “poética da relação” histórica e identitária com o Portugal (ex-)imperial e (ex-)colonial, que começara, significativamente, com a tematização da colonização das ilhas atlânticas: Cabo Verde (*O Senhor das Ilhas*) e São Tomé e Príncipe (*Oríon*). Afirmo que é significativo o fato de essa viragem se anunciar através das obras supracitadas porque, sendo essas ilhas de formação colonial, essa tematização assinala uma nova estruturação do/no imaginário histórico e psicocultural com respeito à relação colonial com reflexos no processo de reagenciamento identitário⁸ – lá e cá...

3. As diferentes *disseminações* da escrita do passado

O que parece percorrer estas obras é a articulação que o discurso da memória, pilar de todas elas, empreende em questões de poder e de política. Isso podemos ver, por exemplo, em *Oríon* em que as relações de poder, com base

⁸ Mais adiante será referido o caso de Macau.

na diferença étnica, religiosa e etária, foi o *leitmotiv* de toda a narrativa; ou em *Lenin Oil*, em que a história aparece na sua mais insidiosa hierarquização para “mostrar” a fatalidade da falência de uma *nação*, São Tomé e Príncipe, cuja percepção como *país* é entendida como uma “pedra no meio do caminho” da empresa imperial.

Mas não se pense que hoje se pode reduzir essa poética de tematização do *locus* “ultramarino” a um denominador comum porque diferentes se apresentam os seus contornos. Assim, podemos encontrar as seguintes modalidades discursivas:

I. Vinculação dos espaços de além-mar à história de Portugal:

- África:

- *O Senhor das Ilhas*, de Isabel Barreno;
- *Oríon*, de Mário Cláudio;
- *Equador*, de Miguel Sousa Tavares;

- Brasil:

- *Rio das Flores*, de Miguel Sousa Tavares;
- *Memórias de Branca Dias* e *A Guerra dos Mascates*, de Miguel Real;

- Oriente⁹:

- *A China Fica ao Lado* (contos, 1968); *Estátua de Sal* (autobiografia romanceada, 1969); *Angústia em Pequim* (crônicas, 1984); *Nocturno em Macau* (romance, 1991); *Passagem do Cabo* (narrativas, 1994), de Maria Ondina Braga;

⁹ Sobre este tema referente à presença do Oriente na literatura portuguesa, v. ALMEIDA & DRUMOND, 2013.

II. Relação entre a situação do país e a conjuntura internacional, com uma agência portuguesa bem presente, embora condicionada pela *realpolitik*:

- *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo* (2003), de António Lobo Antunes;
- *Lenin Oil* (2006), de Pedro Rosa Mendes;

[Nestes dois romances, em Angola ou em São Tomé e Príncipe, diamantes, petróleo e armas substituem a causa da “civilização” numa África que surge, agora, numa ambígua dimensão paradisíaca, por aquilo que pode proporcionar, e infernal, por aquilo que de fato proporciona aos africanos, “Um presente onde o passado se mistura com o instante. A busca da verdade na mentira da ficção”, como afirma Maria Luisa Blanco (2003) a propósito de *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo*];

É interessante notar como nesta modalidade existe um diálogo intertextual com a literatura africana que vincula a história dos países africanos à história de Portugal. Por isso, se tornaria, portanto, um projeto que rastreasse as diferentes *disseminações* da “história comum”, de que tanto se fala, nas literaturas em português, a saber, por exemplo:

- *A Geração da Utopia* (1992), *A Gloriosa Família: o Tempo dos Flamengos* (1997), *A Sul. O Sombreiro* (2011), de Pepetela;
- *Jornada de África* (1989), de Manuel Alegre;
- *Requiem por Irina Ostrakoff* (1993), de Rodrigo Leal de Carvalho;
- *Nação Crioula* (1997), *Milagrário Pessoal* (2010), *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), de José Eduardo Agualusa;
- *A Casa Velha das Margens* (2004), de Arnaldo Santos;
- *O Outro Pé da Sereia* (2006), de Mía Couto;
- *O Olho de Herzog* (2010), de João Paulo Borges Coelho;

III. Construção de sujeitos de uma “multicultura fragmentada”, como diria Cornejo Polar a propósito do migrante (POLAR, 2000, p. 137), para organizar a gestão da incompletude identitária que o deslocamento pós-colonial originou, num misto de regresso nostálgico e sentido de perda traumática.

Citam-se, neste contexto, sem qualquer pretensão de exaustão:

- *A Paixão de Muamina* (2002), de Élio Bélaze, pseudônimo de Bento Elísio de Azevedo;
- *O Tibete em África* (2006), de Margarida Paredes;
- *Lourenço Marques* (2003), de Francisco José Viegas;
- *Niassa* (2007), de Francisco Camacho;
- *O Tempo dos Amores Perfeitos* (2006), *O Último Ano em Luanda* (2008), de Tiago Rebelo;
- *Os Retornados: um Amor nunca se Esquece* (2008), de Júlio Magalhães;
- *Olhos de Caçador* (2007), de António Brito;
- *Perdido de Volta* (2008), de Miguel Gullander;
- *O Filho da Preta: Demanda de um Filho Esquecido em Angola* (2008), um romance publicado, significativamente na seleção “Coração Africano” da Planeta Editora, e *Retalhos de uma Vida* (2009), ambos de Quirimbo 70 (um pseudônimo nunca revelado, apenas se sabendo que [19]70 é o ano em que o autor esteve em Angola, numa zona de guerra);
- *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo;
- *Cisne de África* (2009) e *Praia Lisboa* (2010), de Henrique Levy;
- *Fala-me de África* (2010), de Carlos Vaz Ferraz;
- *O Retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso.

Se “os discursos da memória articulam questões de poder e de política” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 6), não é admirar que muitos destes romances acabem por ser narrativas de catarse coletiva, familiar ou somente individual, verbalizando os traumas causados pela ruptura tanto ideológica e política, como em *Caderno de Memórias Colônias* e *O Último Ano em Luanda*, quanto psicocultural e identitária, como em *Lourenço Marques* ou em *Niassa*, num processo em que a “psicanálise” dos sentimentos, da afetividade, da subjetividade e da subjetivização tem o papel de espoleta narrativo. Não raro nessas narrativas a enunciação é pontuada pelo ressentimento que surge como âncora da nostalgia do passado – uma nostalgia muito regressiva, aliás –, com a memória social e política a funcionar como tecedeira de relações

de dissensos ideológicos e opções políticas: *O Último Ano em Luanda*, *Caderno de Memórias Coloniais*, *Fala-me de África* e *O Retorno* são exemplos-limite, quase paradigmáticos, dessa tendência¹⁰.

IV. A esse discurso nostálgico sobre a “ideia de Portugal” chamarei “ultramarinista” por não conseguir inscrever – no sentido em que José Gil (GIL, 2005, p. 22-23) utiliza o termo: “nevoeiro da consciência”. É que nessas obras, o país, no momento atual da história da Europa e do mundo, articula-se com os resultados da dinâmica não apenas das transformações históricas, mas ainda do processo decorrente da “nova ordem mundial”, transversal à sociedade portuguesa, com derivações africanas e hoje “orientais”, como se pode ver na obra de Rodrigo Leal de Carvalho, de motivação macaense.

Seja como for, essa “regra globalizante” tem contaminado outras discursividades sociais, erigindo-se a “sentir coletivo”, com reflexos na ciência histórica, na crítica literária, na afetividade cultural, no discurso político, dando razão à advertência de Pierre Nora para quem,

Hoje, alguns defensores da memória tendem a ser agressivos. Eles impõem uma memória tirânica, por vezes terrorista, especialmente vis-à-vis à comunidade científica. Historiadores muito sérios são expostos à mercê de grupos de pressão que utilizam mais a ameaça da lei para ocultar verdades que não lhes convêm. Devemos evitar que guardiões da memória sequestrem a pesquisa histórica. Eles exigem que a história lhes sirva, porque eles projetam as suas preocupações do presente sobre eventos passados. (NORA, 2008)¹¹.

¹⁰ Destaque-se, neste contexto, o caso do romance de Margarida Paredes, *O Tibete em África*, em que, *narrativizando* a memória de *experiências* e *vivências* da guerra e dos hábitos, estes institutos convocam saberes e abordagens históricas com uma lucidez de análise que faz deste romance, para muitos “retornados” – pois a personagem é uma “retornada” – um romance “incómodo”, tendo sido, aliás, a autora apelidada de traidora em alguns *sites* mais radicalmente “ultramarinistas”, como no blog *Moçambique para Todos*: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2008/02/a-mgoa-que-est.html.

¹¹ A afirmação original de Pierre Nora é: “Aujourd'hui, certains défenseurs de la mémoire ont une tendance à se montrer agressifs. Ils imposent une mémoire tyrannique, parfois terroriste, notamment vis-à-vis de la communauté scientifique. Des historiens très sérieux sont jetés en pâture à des groupes de pression qui utilisent de plus en plus la menace de la loi pour occulter des vérités qui ne leur conviennent pas. Il faut empêcher les gardiens de telle ou telle mémoire de prendre en otage la recherche historique. Ils exigent que l'histoire les serve parce qu'ils projettent les préoccupations du présent sur les événements du passé”.

V. Lugar de deambulações reflexivas: há ainda casos em que o espaço africano aparece como lugar de refúgio e de passagem:

- a) como na poesia de *Ilha entre Linhas* (2008), de Paulo Ramalho, que, “exilado” em São Tomé durante algum tempo, com uma bolsa Criar Lusofonia do Centro Nacional de Cultura (Portugal), deu à estampa uma obra em que reinterpreta a dimensão transculturativa do processo de formação da sociedade são-tomense.
- b) E porque estou a citar, obviamente sem intenção de qualquer exaustão, obras singulares na bibliografia dos escritores, convém conhecer a obra ficcional e memorialista de Otilina Silva, portuguesa que viveu vinte e cinco anos em São Tomé e é autora do romance *Cores e Sombras de São Tomé e Príncipe* (2000), e de dois livros que reúnem escritos memorialistas e de teor reflexivo: *Ecos da Terra do Ossobó* (2004) e *São Tomé e Príncipe: Ecos de Ontem e de Hoje* (2006).

A disseminação portuguesa em Macau – ou vice-versa?

A dimensão interrelacional que se estabelece entre os sistemas literários não se revela apenas na presença do espaço outro de gestação literária¹². Com efeito, é interessante notar que como muitos destes escritores, quase todos, são “escritores de fronteira”, no sentido em que facilmente podem transitar entre duas nacionalidades literárias – que, aliás, alguns reivindicam. Tal é o caso de Sum Marky (José Ferreira Marques), cuja obra se reparte pela literatura são-tomense e pela literatura erótico-pornográfica portuguesa, ora como Sum Marky ora como Louis Rudolfo; ou de Castro Soromenho que, como precursor do romance moderno angolano, tem também lugar na literatura colonial, portanto portuguesa, com romances como *Homens Sem Caminho* (1939) e *Noite de Angústia* (1941), ou as narrativas breves de *Lendas Negras* (1936) e de *Nhári: o Drama da Gente Negra* (1938); ou de Inácio Rebelo de Andrade, autor nascido no Huambo em 1935 e que começa a escrever após o regresso à “metrópole” após a independência de Angola em 1975 e cuja

¹² Por espaço de gestação literária não quero referir o espaço geográfico onde a obra foi concebida ou escrita, mas o “local” geocultural em que o universo da história se desenrola.

obra, com quase cerca de dezena e meia de títulos (entre romances, novelas, contos, poesia e apontamentos memorialistas) é quase toda feita de memórias de África¹³.

Como Inácio Rebelo de Andrade, também autor de um livro de motivação macaense, *Adens Macau, Adens Oriente* (ficções de viagem, 2004), tais se configuram também os casos de Maria Ondina Braga e de Rodrigo Leal de Carvalho.

Sendo, portanto, a produção de motivação “ultramarina” uma constante na literatura portuguesa, desde os tempos da literatura de viagens e das literaturas ultramarina e colonial (conforme as conveniências temporais da sua “classificação”), hoje ela tem uma feição diferente, embora persista a hesitação quanto ao seu lugar no sistema literário português e nos *outros* sistemas. A trajetória de *experiências* e *vivências* é determinante para a história da presença do *outro* na produção literária em português ou para as relações entre as literaturas em português, pois a questão da história pessoal do escritor, assim como o significado do seu “capital social” não são, neste caso, irrelevantes. Se no já citado ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin alerta para o recuo, no Ocidente, da “faculdade de intercambiar experiências”, hoje esse ensaio pode considerar-se seminal, tendo em conta as pesquisas sobre o lugar da memória na refiguração identitária. Com efeito, já então Benjamin, cujas considerações se fizeram no contexto da “era da grande indústria” e da (Primeira) Grande Guerra, elegeria a *experiência* do conhecimento, exemplificada pelo viajante, e a experiência da vida quotidiana e tradicional, a *vivência* afinal, exemplificada pelo camponês, como pilares da

¹³ Um dos fundadores da seleção Bailundo (na antiga Nova Lisboa, hoje Huambo), Inácio Rebelo de Andrade é um caso singular de um entrelugar literário das atuais literaturas em português. Para além de ensaios (na área da agricultura e da história da cultura em Portugal), é autor de *Um Grito na Noite* (1960), *Apontamentos de Rua* (1961), *Sandades do Huambo (Para uma Evocação do Poeta Ernesto Lara Filho e da «Colecção Bailundo»)* (Ensaio/Memórias, 1994); *O Sabor Doce das Nêspas Amargas* (Contos), 1997; *Quando o Huambo Era Nova Lisboa* (memórias, 1998); *Parábolas em Português* (contos, 1999); *Aconteceu em Agosto* (novela, 2000); *Mãe Loba* (romance, 2001); *Os Pecados do Diabo e as Virtudes de Deus* (narrativas breves, 2008) *Revisitações no Exílio* (Contos Angolanos, 2001); *Passageiro sem Bilhete* (romance, 2003); *Adens Macau, Adens Oriente* (ficções de viagem, 2004); *Na Babugem do Êxodo* (romance, 2005); *A Mulata do Engenheiro* (romance, 2007); *O Pecado Maior de Abel* (romance, 2009); *Quando as Rolas Deixarem de Arrulhar* (romance, 2010), *Que Nem uma Flor por Abrir* (2012), para além de livros de poesia e “*Evocações Ilustradas*”: *De uma Angola de Antigamente: Fotos Recolhidas e Legendadas* (2010) *Ficava em Angola e Chamava-se Nova Lisboa* (2011), *Lamento de um Exilado* (2012) e *O que Disparo em Verso* (2014).

memória, até como instituição social, em que é possível encontrar resistência à perda dessa capacidade de intercambiar experiências. É a vivência o húmum da obra de Maria Ondina Braga, já elencada acima, - para apenas citar uma escritora cuja *vivência* da viagem aliada à *experiência*, produziu uma obra em que a presença do Oriente e em que o vivido e o conhecimento colhido dessas vivências constituem *leitmotiv* da sua escrita e a semente das narrativas, quer literárias quer informativas e reflexivas, erigindo-se a elementos de construção identitária da autora. Essa identidade é assumidamente expressa através do jogo entre o *Eu* e o *Outro*, entre o diverso e o diferente, numa escrita pedagógica em que o apelo ao conhecimento do *outro* se constitui como necessidade apaziguadora. E gnoseológica. Diz a autora em outro livro sobre viagens:

Palmilhei capitais europeias. Sonhei nas terras úberes de África os mais puros, os mais ardentes sonhos telúricos. Nasci numa cidade sossegada com pedras do tempo dos romanos e Nossas Senhoras de todos os nomes. E não posso esquecer Paris - a sedução, o charme de Paris, na grandeza dos Campos Elíseos ou nas ruelas cosmopolitas e boémias de Saint-Michel. Tenho de lembrar o perfil dos monumentos de Londres por entre os véus do nevoeiro ou o chuveiro gelado. Tenho também de confrontar Angola com Macau para saber que há sangue e saber que há sono. Mas, acima de tudo, quero encontrar-me comigo (BRAGA, 1983, p. 6).

E mais adiante:

Transbordando da terra para a água, Macau alonga-se em ruas de junco e lorchas - uma cidade balouçante, de chão metade rio, metade mar, onde vivem milhares de chineses, famílias inteiras, cada qual com o seu cão, seu gato, sua criação, passarinhos. [...] Cenário deveras impressionante o dos barcos de Macau. Bonito não posso dizer que seja, pois é melancólico, pobre, vetusto, mas tão diferente e tão marcado pelo tempo e pela angústia dos homens que, se não for bonito, belo é de certeza. (BRAGA, 1983, p. 150).

Outro exemplo da literatura portuguesa – ou, se quisermos, da literatura açoriana – que importaria referir como exemplo dessa literatura que busca nas vivências matéria ficcionalizante é o do Rodrigo Leal de Carvalho¹⁴. Au-

¹⁴ Rodrigo Leal de Carvalho nasceu na ilha Terceira, Açores, em 1932. Após uma passagem por África, em 1959 foi para Macau como magistrado tendo aí desempenhado funções de Procurador da República, Procurador Geral-Adjunto em Macau, Presidente do Tribunal de Contas e Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Regressou a Portugal em 1999, a poucos dias da transferência de

tor de oito obras de gestação macaense, Rodrigo Leal de Carvalho é um caso que merecia uma reflexão mais demorada pois é produtivamente ambígua o lugar da sua nacionalidade literária podendo-se concordar com a interrogação se se trata de literatura portuguesa de motivação macaense (como diria ser o caso de Maria Ondina Braga) ou de literatura macaense:

- *Requiem por Irina Ostrakoff*, 1993;
- *Os Construtores do Império*, 1994;
- *A IV Cruzada*, 1996;
- *Ao Serviço de sua Majestade*, 1996;
- *O Senhor Conde e as Suas Três Mulheres*, 1999;
- *A Mãe*, 2000;
- *O Romance de Yolanda*, 2005;
- *As Rosas Brancas de Surrey*, 2007.

Com efeito, diferentemente de Maria Ondina Braga, que também tivera antes uma experiência africana (Angola, que também se erige a local de gestação cultural da autora, no conjunto da sua obra), a experiência africana de Rodrigo Leal de Carvalho, em “várias parcelas do então Império Português”¹⁵ (**Angola, Guiné, São Tomé e Príncipe, Moçambique**) não lhe motiva interessante produtividade criativa, senão episodicamente, como em *Os Construtores do Império* e em *Ao Serviço de sua Majestade*: com efeito, será em Macau que o autor, então com 61 anos, se revela como escritor de imaginação e será exclusivamente Macau o nuclear “local da cultura” da sua produção literária, embora a “literatura açoriana” o reivindique como um escritor *dos Açores*. Em todo o caso, creio que isso faz do autor um caso de produtiva esquizofrenia identitária no que diz respeito à nacionalidade literária, diferente, por exemplo, da de Ascêncio de Freitas (Moçambique), Sum Marky (São Tomé e Príncipe) ou Luandino Vieira (Angola) que, aliás, sempre afirmou a na-

Macau para a China, onde acompanha, diz, “o espectacular desenvolvimento urbanístico de Macau” “with mixed feelings”. Hoje reformado, vive reparte o tempo entre os Estados Unidos, onde vive parte da sua família, e a sua Praia da Vitória, na ilha Terceira.

¹⁵ Rodrigo Leal de Carvalho. “Os romances do senhor magistrado”. Entrevista a Catarina Domingues. Revista Macau: <http://www.revistamacau.com/2011/12/06/os-romances-do-senhor-magistrado/> (06 de Janeiro de 2014).

cionalidade ideológica, cultural e literária angolana (apesar da naturalidade metropolitana), porém próxima da de António Quadros, escritor português que, como moçambicano, é parte da literatura de Moçambique quer como Mutimati Barnabé João (*Eu, o Povo*, 1970) quer como João Pedro Grabato Dias (*Quybyrycas*, 1972, e *O Povo e Nós*, 1991).

Outros, ainda, mais “diligentes” na dimensão teleológica da identidade, potenciam, à vez, a ambiguidade que se encontra nessas nacionalidades, inclusive quanto ao *momentum*, dando razão à convenção de que as identidades são não apenas construções, mas ainda categorias teleologicamente manipuláveis – afastando-se, neste contexto, das pressuposições de Amin Maalouf, tantas vezes (mal) citado, pois o que Maalouf afirma é:

A identidade não se compartimenta, não se reparte em metades, nem em terços, nem se delimita em margens fechadas. *Não tenho várias identidades, tenho apenas uma, feita de todos os elementos que a moldaram*, segundo uma “dosagem” particular que nunca é a mesma de pessoa para pessoa. (MAALOUF, 2002, p. 10. *grifo nosso*)

Se isto é válido enquanto teoria que visa enfrentar a força homogeneizante da globalização, também funciona quando se analisam os processos de refiguração identitária a partir da memória da *experiência* e da *vivência* e de deslocamentos que buscam âncoras no passado em escrituras em/sobre o tempo pós-colonial, enfim no caso, “no rastro da descolonização e de novos movimentos sociais em sua busca de histórias alternativas e revisionistas” (HUYSSSEN, 2000, p. 10).

A reflexão de Walter Benjamin sobre o lugar da *experiência* e da *vivência*, que coopto à reflexão sobre a figuração identitária, a uma distância de quase 80 anos, aplica-se ao momento atual em que à “era das grandes indústrias” corresponde a globalização, na medida em que ambos os tempos, para resistir à força niveladora deste fenômeno, transformam o vivido em diferença produtiva através de evocação memorialista, de espaço e tempo. A globalização concilia-se com o processo de introspecção histórica na construção de discursos de identidade, a partir da sobrevivência da memória que busca a identificação com o passado através de hábitos e subjetividades, de fragmentos da memória que, porém, cintilam intensamente e se impõem à consciência do indivíduo. Leia-se, por exemplo, a afirmação de Rodrigo Leal de Carvalho

sobre esta questão:

(...) a vivência em várias parcelas do então Império Português enriqueceu-me de experiências curiosas, interessantes e, por vezes, verdadeiramente dramáticas. Ficaram guardadas no meu arquivo sentimental à espera de melhor oportunidade. Esta surgiu quando já para o fim da carreira judiciária. Arranjei tempo para as pôr em letra de forma. Daí o recurso a histórias de tempos idos. (CARVALHO, 2011).

Além de que nessa regra, o de *entrelugares* convenientes, também se encontra o “abuso”, o que permite questionar, para perceber, tanto os meandros da dimensão teleológica da figuração do *experiential* na construção identitária quanto os efeitos do solapamento da questão da instituição literária. Por isso é que me parece adequado falar, neste contexto, de *disseminação*, conceito que se torna operativo para perceber o processo pelo qual o indivíduo atualiza a sua pertença a dois mundos – que corresponderiam ao que ficou para trás (Bhabha fala em *original*) e o novo (que corresponderia à sociedade de acolhimento). E embora Homi Bhabha utilize a expressão para, desvelando as “margens da nação”, focalizar o processo identitário dos *emigrês* (o que convoca a questão da territorialidade), *disseminação* seria, também aqui, instrumento conceptual no sentido de uma dispersão dos “locais de cultura” que povoam a identidade do sujeito.

Com efeito, aquilo que Bhabha considera “forma obscura e ubíqua de viver a localidade da cultura” (BHABHA, 1998, p. 199), pode aplicar-se a esses sujeitos em trânsito, narradores e personagens (porque muitas vezes os narradores projetam-se nas personagens), neutralizando qualquer dominância cultural, precisamente porque, partindo da experiência da diáspora e da imigração, estes sujeitos deslocados se movimentam nas margens da “cultura dominante”. Apenas quando a personagem assume esses *outros locais* se torna plena – tal como acontece com o irmão caçula da família Garcia, de *Niassa*, ou com Miguel de *Lourenço Marques*: até então, estas personagens sentiam-se desconfortáveis com a suas “identidades oficiais” e isso leva-as a buscarem *localidades* culturais subjetivas que se tornam *disseminadas* no corpo da “comunidade imaginada”, mesmo que soterradas devido a traumas, busca que empreendem precisamente para questionar, pela nomeação, essa representação “forjada”. Com efeito, ninguém hoje discorda que as identidades coletivas se

fazem de negociações constantes entre subjetividades individuais em interface com as segmentais. Assim, essas figurações identitárias não são, no contexto pós-colonial (em) português, marginais a qualquer cultura dominante, mesmo porque a reivindicação de reminiscências imperiais naturalizou-se no posicionamento ideológico do *mainstream* identitário de certa *intelligensia* portuguesa.

5. Conclusão

Se o período antecedente ou conseqüente aos acontecimentos que ditaram outro relacionamento entre Portugal e os territórios de *além-mar* conheceu o questionamento de relações passadas, vive-se hoje outro tempo. Um tempo em que, dando sentido à ideia de Nora de que se fala de memória porque ela não existe mais (NORA, 1997, p. 23), a África ou os espaços *outros* que então aparecem constituem, regra geral, tempo de (in)formação sobre refigurações identitárias – até diaspóricas, como é o caso de Rodrigo Leal de Carvalho. Restaurando, não sem uma dose de uma “nostalgia regressiva”, esse tempo *outro* necessário hoje à identificação com a história, a articulação com o presente faz-se com vista à produção de sentidos subjetivos que fazem implodir o sentido mitificado da “grande narrativa” da nação (seja do império, seja da metrópole), o relato glorioso do passado colonial português: afinal, “a memória tem a ver com o presente, embora sempre seja vista como coisa do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 5). Essa rememoração torna-se, assim, um “cartuxo” contra a *museificação* das subjetividades, do imaginário histórico português e do sentido unilateral da história. Também contra o confinamento desse olhar à esfera privada. O coletivo, aqui sinônimo de nacional, contaminado pela memória individual feita de *experiências* e *vivências*, passa a ser percebido também a partir de *disseminações* identitárias e pelo desvelamento da instrumentalização do passado.

Em todo o caso, pode dizer-se que essa literatura de motivação “ultramarina” que se faz em Portugal vem reinscrevendo na agenda cultural a mais recente história das relações entre Portugal e o outrora *outro* Portugal. Agora, porém, porque o lugar de onde se dirige o olhar já não é colonial (embora seja em muitos casos intrinsecamente colonialista) sem se concretizar a pretensão

de um relato de *encontro* cultural e histórico, esse olhar já considera pertenças disseminadas pelos ventos da história, que é preciso destecer na sua estruturação ideológicas (e muitas vezes política, como vem acontecendo com a relação Portugal-Angola). A *disseminação* consiste, neste caso, na capacidade de perceber que a identidade pode fazer-se de duas geografias nacionais, ou dois veículos *nacionais*, de uma dispersão e, em simultâneo, de um desenraizamento do “local da cultura” que, gera, paradoxalmente, um movimento de diálogo entre elementos diferentes, porque essa interlocução se processa numa “zona de contacto” (cf. PRATT, 2008).

Um estudo sobre as relações entre a produção literária de Macau em português e as outras literaturas em português, por autores, períodos e temas, talvez revelassem “zonas de contacto” diferentes das que existem entre as literaturas em português¹⁶. Afastando-me dos “habituais” locais imperiais cuja história está ligada a Portugal (refiro-me à África e ao Brasil), pode dizer-se que, lendo Senna Fernandes em contraponto com Rodrigo Leal de Carvalho, quase se pode dizer que corroborariam a afirmação de Mia Couto de que também eles acabam por “levar ao extremo esta possibilidade de jogo, experimentação e recriação, não diria da língua portuguesa, mas de uma língua que afinal às vezes é só [deles], da qual [têm] que assumir a responsabilidade” (COUTO, [1998], p. 1016-1017). Ora, tanto brasileiros, desde o século XIX, primeiro com os românticos¹⁷, mas, sobretudo com os modernistas (e as suas atividades antropofágicas), e mais recentemente Guimarães Rosa, como os

¹⁶ Este é um veio a que me proponho explorar, contrariando as minhas convicções sobre as “zonas de contacto” das literaturas em português, título de um ensaio meu publicado sobre esta matéria, acima já referido (v. MATA, 2012).

¹⁷ E vale lembrar a polemica entre José de Alencar, quando escreveu *Iracema* (1865), com o confrade português Pinheiro Chagas que, em seus *Novos Ensaios Críticos* (1867), censurou nos brasileiros o hábito de “tornar o brasileiro uma língua diferente do português por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de insubordinações gramaticais” – a que Alencar responderia no “Post-escrito” a *Diva*, de 1865, que: “A língua é a nacionalidade do pensamento, como a pátria é a nacionalidade do povo. Da mesma forma que as instituições justas e racionais revelam um povo grande e livre, uma língua pura, nobre e rica anuncia a raça inteligente e ilustrada. Não é obrigando-a a estacionar que hão de manter e polir as qualidades que por ventura ornem uma língua qualquer; mas sim fazendo que acompanhe o progresso das ideias e se molde às novas tendências do espírito, sem contudo perverter a sua índole e abastardar-se. Criar termos necessários para exprimir os inventos recentes, assimilar-se aqueles que, embora oriundos de línguas diversas, sejam indispensáveis; e sobretudo explorar as próprias fontes, veios preciosos onde talvez ficaram esquecidas muitas pedras finas; essa é a missão das línguas cultas e seu verdadeiro classicismo”.

africanos foram eficazes no jogo da representação da descontinuidade cultural através da língua portuguesa (e citaria, para além de Mia Couto, ainda em Moçambique Ascêncio de Freitas, e em Angola Luandino Vieira e Uanhenga Xitu).

E, neste contexto, a questão que se levantaria no estudo comparado com a literatura macaense seria: será a língua portuguesa um dos marcadores da “nacionalidade literária” macaense? A ser assim, em que língua se expressaria, a haver um, o *Orientalismo* português? Estas são questões que um estudo comparado dos “pós-colonialismos” poderia elucidar a fim de que se possa empreender uma sistematização (diacrônica e sincrônica) da produção macaense. Em contraponto com o estudo da produção de países africanos que, crê-se, já vai mais adiantado.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. “Pós-escrito à Diva”. Disponível em <http://pt.wikisource.org/wiki/Diva/P%C3%B3s-escrito> Acesso: 07 de Abril de 2014).
- ALMEIDA, Catarina Nunes de & BRAGA, Duarte Drumond (orgs.). *Nau-Sombra: Os Orientes da Poesia Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Nova Vega, 2013.
- BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura [Obras Escolhidas, v. II]. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, Rodrigo Leal (de). “Os romances do senhor magistrado”: Interview with Catarina Domingues. Magazine: *Macaor*. <http://www.revistamacau.com/2011/12/06/os-romances-do-senhor-magistrado/> (Acesso: 06 de Abril de 2014).
- COSTA E SÁ, Raul da. *Influência do Elemento Afro-negro na Obra de Gil Vicente*. São Paulo: Saraiva Livresiros-Editores, 1948.
- COUTO, Mia. In: Michel Laban. *Moçambique: Encontro com Escritores*, v. III. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, s/d [1998] (p. 1016-1017).
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34/Rio de Janeiro: UCAM/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- HENRIQUES, Isabel Castro. *A Invenção Social de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Vega, 1999.
- HENRIQUE, Isabel Castro. “O processo fundador da herança africana em Portugal”. *A Herança Africana em Portugal*. Lisboa: CTT, 2008.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória: Arquitectura, Monumentos, Mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano/UCAM/MAM-RJ, 2000.

- MAALOUF, Amin, *In the Name of Identity: Violence and the Need to Belong*. New York: Penguin Group, 2003.
- MATA, Inocência. "Post-Colonial Dimensions of African Literatures in Portuguese". In: AFOLABI, Niyi (Editor). *Cultural Patrimony: Africa, New World Connections and Identities*. Trenton, NJ: Africa World Press, 2002.
- MATA, Inocência. "Zonas de contacto das literaturas de língua portuguesa: da resistência à reinvenção da diferença" In : Renata Díaz-Szmidt (Org.) *Identidades revisitadas, Identidades Reinventadas – Transformações dos Espaços Sociais, Políticos e Culturais nos Países de Língua Oficial Portuguesa*. Varsóvia: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2012.
- MENDES, José Manuel Oliveira. "O desafio das identidades". In: SANTOS, Boaventura De Sousa (Org.), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto, Edições Afrontamento, 2ª Ed., 2002.
- NORA, Pierre. *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1997.
- NORA, Pierre. "La père des 'lieux de mémoire' – L'historien Pierre Nora craint la 'boulimie commémorative'". Interviewed by Antoine Robitaille. *Le Devoir.com* (Libre de Penser). 27 septembre 2008: <http://www.ledevoir.com/societe/207742/le-pere-des-lieux-de-memoire-l-historien-pierre-nora-craint-la-boulimie-commemorative> (Acesso: 22 de Abril de 2010).
- POLAR, Cornejo. *O Condor Voa: Literatura e Cultura Latino-americanas*. Org. Mário Valdés. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. 2nd ed.. New York: Routledge, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local da Diferença: Ensaios sobre Memória, Arte, Literatura e Tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Os escaninhos da memória". ("The compartments of memory"). Interviewed by Álvaro Kassab. *Jornal da UNICAMP*, 13 April 2008, n. 391:5-7,: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/abril2008/ju-391pag5-6-7.html (Acesso: 18 de Abril de 2010).